

# VIA TEOLÓGICA

Volume 22 – Número 44 – dez / 2021

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## A MENSAGEM DE AMÓS: UMA DENÚNCIA A ESPIRITUALIDADE SUPERFICIAL DE ONTEM E DA CONTEMPORANEIDADE

*Silvio Oliveira da Silva  
Dr<sup>a</sup> Marivete zanoni Kunz*

# A MENSAGEM DE AMÓS: UMA DENÚNCIA A ESPIRITUALIDADE SUPERFICIAL DE ONTEM E DA CONTEMPORANEIDADE

The message from Amos: a denunciation of the superficial spirituality of yesterday and contemporary

*Silvio Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz<sup>2</sup>*

- 
- 1 Graduado em Teologia e Educação Física. É Pós-Graduado (*Lato Sensu*) em Docência no Ensino Superior e Teologia (UCAM) e em Aconselhamento Pastoral (FBMG). Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e Pastor da Primeira Igreja Batista em Várzea da Alegria.
- 2 Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR/Curitiba/PR) e pós graduada pela mesma instituição. Graduada em Pedagogia pela UNIJUI (Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul/Ijuí/RS). Mestrado e Doutorado em Teologia pela EST (Escola Superior de Teologia / São Leopoldo/RS). Professora e coordenadora de Trabalhos Finais de Curso na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí/RS. Professora do Mestrado Profissional em Teologia nas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR/Curitiba/PR). E-mail: professora.marivete@fabapar.com.br e marivete@batistapioneira.edu.br

## RESUMO

O artigo oferece uma análise da mensagem de Amós e a denúncia que este profeta de Deus faz tanto ao povo de Israel do seu tempo quanto à sociedade contemporânea no que se refere à vivência de uma espiritualidade superficial.<sup>3</sup> Para tal proposta, é utilizado o caminho teórico-metodológico da pesquisa bibliográfica, que recorre aos materiais já elaborados e sistematizados, como livros e artigos científicos. O texto do profeta de Tecoa é antigo, mas a mensagem é contemporânea. Atentar-se para o conteúdo das palavras proferidas aos israelitas do século VIII a.C. é *conditio sine qua non*<sup>4</sup> (sem o qual não se pode ser) para o cristão hodierno.

**Palavras-chaves:** Amós. Mensagem. Denúncia. Espiritualidade superficial.

## ABSTRACT

75

The article aims to offer an analysis of the message of Amos and the denunciation that this man of God makes to the people of Israel of his time as well as to contemporary society regarding the experience of a superficial spirituality. For such proposal, the theoretical-methodological path of bibliographic research is used, which points to materials already elaborated and systematized, such as books and scientific articles. The text of the Tecoa prophet is old, but the message is contemporary. Paying attention to the content of the words spoken to the Israelites of the 8th century BC is *conditio sine qua non* for today's Christian.

- 
- 3 Uma espiritualidade superficial é caracterizada, sobretudo, pelo desconhecimento de Deus e, como resultado, ainda que o indivíduo tenha a intenção de adorar ao Senhor, acaba tornando-se idólatra e apresentando um culto híbrido de vida e participando de um sincrétismo religioso.
  - 4 De acordo com o dicionário de português online, *conditio sine qua non* é algo extremamente importante, essencial; que não se pode nem se consegue dispensar; e indispensável. Ver mais sobre em <https://www.dicio.com.br/sine-qua-non/> acesso em 28-11-2020.

**Keywords:** Amos. Message. Complaint. Superficial spirituality.

## INTRODUÇÃO

A mensagem de Amós é um convite de arrependimento para o indivíduo que vivencia uma espiritualidade superficial. Essa foi o centro nevrálgico que levou os israelitas praticarem uma série de pecados abomináveis ao Senhor. No geral o povo de Israel a quem o profeta anunciou sua mensagem (reino norte) era idólatra, de modo que realizavam uma tentativa de associar a adoração a outros deuses com um culto ao Deus de Israel. Tal atitude demonstrava a falta de conhecimento do seu Deus e, consequentemente, à medida que este sincretismo foi sendo concretizado no Reino do Norte mais se distanciavam do Rei dos reis, Senhor Deus. Na contemporaneidade, assim como havia no Israel do século VIII a.C., a espiritualidade superficial está presente.

Tendo esse cenário em mente o presente artigo realizará uma análise da vida do profeta e as características do seu tempo, no início da escrita deste texto. Em seguida, expor-se-á a mensagem de Amós e a denúncia que este hebreu fez no que diz respeito à vida caracterizada por uma espiritualidade superficial, bem como as consequências geradas por tal modo de viver. Por fim, serão apresentadas algumas atitudes que o profeta de Tecoa aconselhou tanto para os israelitas de seu tempo quanto para o indivíduo contemporâneo, a fim de que deixem uma espiritualidade superficial e sigam em direção a uma espiritualidade profunda, ou seja, marcada pelo contínuo conhecimento de Deus.

# I. O PROFETA EM SEU TEMPO E CONTEXTO

Por volta do século VIII a.C., Amós,<sup>5</sup> um pastor de ovelhas, criador de gado e cultivador de sicômoros<sup>6</sup> era um homem que vivia no Reino de Judá<sup>7</sup> e por vontade divina foi chamado a levar uma mensagem ao Reino de Israel.<sup>8</sup> Este profeta,<sup>9</sup> de maneira soberana, designado pelo Salvador, era de uma vila denominada Tecoa.<sup>10</sup>

Nesse momento histórico, o rei Jeroboão II<sup>11</sup> liderava o rei-

- 5 O significado de Amós em hebraico, conforme Ellisen é fardo ou carregador de fardos (ELISSEN, Stanley A. Conheça melhor o Antigo Testamento. Tradução de Emma Anders de Souza Lima. São Paulo: Vida, 1997, p. 287). No que se refere à vida do profeta, Lopes afirma que “Amós não era procedente da classe rica e aristocrática, empoleirada no poder, mas oriundo das toscas montanhas de Tecoa, aldeia incrustada nas regiões mais altas da Judéia” (LOPES, Hernandes Dias. Amós: um clamor pela justiça social. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 16).
- 6 As designações para sua atividade, a partir do hebraico, são: *nökèd*, que à luz de outros textos do AT indica um pastor (1.1) de ovelhas; *bôkér*, que indica alguém que trabalha com vacas e bois (7.14) e *bôlès shikmîm*, que significa aquela que provoca o fruto do sicômoro para o seu amadurecimento. Conforme Hepper o sicômoro citado no texto de Amós 7.14, era uma árvore que poderia chegar entre dez até treze metros de altura. Era comum no Egito e terras baixas da Palestina, sendo que seus frutos eram comedíveis, portanto, importantes para a economia da região. Na época de Davi havia um responsável pelo cuidado das mesmas (1Cr 27.28) e o Salmista considerava a destruição destas um problema (Sl 78.47). (HEPPER, F. N. In: Sicômoros. DOUGLAS, J. D. (edit.). O novo dicionário da Bíblia. Tradução de João Bentes. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 152).
- 7 O Reino de Judá também é conhecido como reino Sul.
- 8 Vale ressaltar que o Reino de Israel também era chamado de Reino do Norte. Houve a divisão de Israel após o rei Roboão assumir o trono. Jeroboão liderou o Reino do Norte com dez tribos e Roboão ficou à frente do Reino de Judá com duas tribos (1Rs 12.1-20).
- 9 Os profetas eram homens chamados a levarem uma fiel mensagem proveniente do Eterno. Segundo Christopher Wright, os profetas tinham boca: eles falavam em nome de Deus; tinham ouvidos: eles escutavam a palavra de Deus; tinham olhos: eles viam as coisas do ponto de vista de Deus; tinham cabeça: eles possuíam mente própria; tinham coração: eles sentiam o que Deus sentia; tinham mãos: às vezes, eles transformavam palavras em ações. Para Wright, os profetas tinham algo em comum: falavam em nome de Deus (WRIGHT, Christopher J. H. Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento. Tradução de Cecília Eller. São Paulo: Mundo Cristão, 2018, p. 172-180).
- 10 Tecoa estava a 7 km da parte sul de Jerusalém, entre as altas colinas de Judá. Além disso também estava próxima da estrada que ia de Jerusalém a Hebron e Berseba. Ainda é possível que esta seja a região que João Batista cresceu (ELISSEN, 1997, p. 289). Esta região era uma rota para passagem de caravanas e foi fortificada por Roboão (2 Cr 11.6).
- 11 De acordo com Balanci e Storniolo, o reinado de Jeroboão II ocorreu entre 783 e 743 a.C. Nesse período, o Reino do Norte vivenciou um momento de tranquilidade, especialmente, pelo fato do império assírio, principal força militar, estar ocupado com a região de Damasco. Somado a isso, Jeroboão II conquistou alguns territórios perdidos anteriormente e, consequentemente, ocorreu uma espécie de “milagre econômico” (BALANCI, Euclides M.; STORNIOLI, Ivo. Como ler o livro de Amós: a denúncia da justiça social. São Paulo: Paulus, 1991, p. 8). Jeroboão II foi o décimo terceiro rei após a divisão do reino. Este não é o mesmo rei que governou logo após a divisão do reino, pois o primeiro era chamado Jeroboão I.

no para o qual a mensagem do Eterno seria direcionada. A região estava passando por um significativo momento de prosperidade econômica e tal fato poderia ser exemplificado por meio de suntuosas construções e negócios comerciais lucrativos. Quanto à situação internacional do Reino do Norte, Gusso, destaca que

De 830 até 800 a.C., Arã (Síria) vinha oprimindo Israel (Reino do Norte). Aproximadamente na época que cobre o período que vai de 806-800 a.C., a Assíria conquista a Síria o que resultou em um conforto imediato para Israel que entrou em uma era de prosperidade. Israel conseguiu, inclusive, reconquistar, por intermédio de Joás, pai de Jeroboão II, algumas cidades que haviam sido perdidas para Bem-Hadade, rei da Síria (2Rs 13.25). A Assíria, na ocasião, não se preocupou com Israel. Desta forma, Jeroboão II, sucedendo a seu pai, pôde dar continuidade às obras que haviam sido iniciadas, administrando muito bem e reconquistando espaços perdidos em épocas passadas (2Rs 14.23-29).<sup>12</sup>

78

O marcante desenvolvimento da nação israelita era contrastado com uma espiritualidade superficial do povo, sobretudo, dos seus líderes e, como resultado, as suas relações estavam marcadas por injustiças<sup>13</sup> e corrupções comerciais.<sup>14</sup> A nação, de fato, não buscava o Deus que havia libertado os seus familiares da escravidão do Egito, antes procuravam os seus próprios interesses.

Durante o reinado de Jeroboão II, as pessoas estavam imbuídas em peregrinar até os santuários da região e participar das atividades religiosas de costume, porém as suas consciências se

12 GUSSO, 2017, p. 54.

13 De acordo com Lopes, o livro do profeta Amós é um dos maiores aportes literários no que diz respeito à justiça social (LOPES, 2007, p. 16).

14 As relações comerciais que estavam sendo realizadas no meio do povo do Reino do Norte estavam prejudicando os pobres e os necessitados. Segundo Balanci e Storniolo, “os comerciantes são duramente criticados porque se enriquecem graças à fraude. Enquanto frequentam as festas e cerimônias realizadas no sábado, eles, na verdade, estão continuamente maquinando o que poderão fazer para conseguir mais lucro” (BALANCI; STORNIOLI, 1991, p. 25-26).

encontravam distantes do Senhor. Os indivíduos caminhavam em direção aos locais geográficos de adoração a Deus, mas não adoravam ao Eterno com as suas vidas. Apresentavam uma espiritualidade superficial, isto é, divorciada das virtudes ensinadas e proclamadas pelos profetas.

Os locais dos templos frequentados pelo povo eram os de Berseba, Gigal e Betel (Am 5.5). Os frequentadores de Betel são repreendidos, ao que parece por serem esses que mais se destacavam no que diz respeito a uma vida de espiritualidade desalinhada com uma transformação verídica do indivíduo. Lopes indica que Betel, denominada casa de Deus, antes um lugar de transformação e orientação da vida, tornou-se o centro da idolatria do Reino do Norte.<sup>15</sup>

O sacerdote de Betel era um homem chamado Amazias. Desse religioso, esperava-se uma denúncia das práticas pecadoras daquele povo. Entretanto, este líder estava associado à percaminosidade da nação (Am 7.10-11) e se opôs a mensagem de Amós. Essa atitude pode ser percebida em Am 7.12-13, texto no qual lê-se: Então, Amazias disse a Amós: Vai-te, ó vidente, foge para a terra de Judá, e ali come o teu pão, e ali profetiza; porque é o santuário do rei e o templo do reino.<sup>16</sup>

O tempo histórico que Amós profetizou era de idolatria e, por conseguinte, caracterizado por uma profunda relação com pecados. Dentre os muitos pecados, a injustiça social é o de mais fácil identificação no reinado de Jeroboão II. Para Lopes, “muitos se enriqueceram por meio da violência e rapina; pela opressão dos pobres e necessitados (Am 3.10). Credores sem remorso vendiam os pobres como escravos (Am 2.6-8)”.<sup>17</sup> Quanto mais o ser humano se distancia do Pai celestial mais enraizado ao pecado se demonstra.

15 LOPES, 2007, p. 125.

16 A versão bíblica utilizada neste artigo será a Almeida Revista e Atualizada. Caso haja alguma mudança será feita a indicação.

17 LOPES, 2007, p. 23.

## 2. A MENSAGEM DE AMÓS

O profeta traz a palavra do Altíssimo para um povo que vivia uma espiritualidade superficial, de modo que ofereciam holocaustos, ofertas pacíficas de animais, ofertas de manjares (Am 5.22) e religiosamente frequentavam os cultos, porém não colocavam Deus em primeiro lugar nas suas vidas. Antes, tentavam conciliar pressupostos divinos e pagãos. Festas e assembleias solenes (Am 5.21) marcavam a sociedade do Reino de Israel, mas tais eventos não davam prazer ao Eterno.

O pastor de ovelhas convocado por Deus iniciou o seu chamado levando uma mensagem de denúncia às nações<sup>18</sup> que estavam ao redor do Reino do Norte. As pessoas de Damasco (Am 1.3-5), Gaza (Am 1.6-8), Tiro (Am 1.9-10), Edom (Am 1.11-12), Amom (Am 1.13-15), Moabe (Am 2.1-3) e Judá (Am 2.4-5) tiveram os seus erros e pecados<sup>19</sup> apontados pelo profeta de Tecoa. No que diz respeito às nações gentílicas, Lopes evidencia que enquanto as nações citadas pecaram por meio do egocentrismo,<sup>20</sup> a nação judaica foi pela rejeição à Lei de Deus e o abandono dos estatutos deixados pelo Altíssimo.<sup>21</sup>

Fato a ser considerado é que o profeta faz a descrição do pecado de cada uma das nações, de forma que não fica dúvidas. Sobre Damasco que era a capital da Síria e local de abundante comércio o profeta afirma que esta possuía tanto riqueza quanto uma força militar destacável. O seu pecado, sobretudo, foi violentar e destruir Gileade de maneira cruel. Tratou o povo que

<sup>18</sup> O termo frequentemente usado para a acusação de tais nações era: “por três crimes... e pelo quarto”. O sentido que a expressão “por três transgressões de..., e por quatro” aparece repetidamente no texto, nos 2 primeiros capítulos, em 1:3,6,9,11,13, e 2:1,4 e 6, também deve ser entendida como uma figura de linguagem para descrever “todas as transgressões”. Por vezes os números são utilizados simbolicamente nos textos bíblicos. A soma das transgressões, a cada uma das nações é sete, ou seja, número completo que pode indicar todas as transgressões.

<sup>19</sup> Para Motyer, a denúncia enfatiza os pecados que elas cometiam nas relações entre as pessoas, isto é, do homem para o homem (MOTYER, J. A. A mensagem de Amós: o dia do leão. Tradução de Yolanda Mirdsa Krievin. 2.ed. São Paulo: ABU, 2008, p. 23).

<sup>20</sup> LOPES, 2007, p. 39.

<sup>21</sup> LOPES, 2007, p. 56-58.

atacou como uma coisa qualquer. O livro de Amós afirma que Damasco se movimentou sobre Gileade com trilhos de ferro (Am 1.3-5). A riqueza de Damasco resultou em avareza e a força em violência. A prosperidade e robustez dessa nação não serviram para o bem, mas para oprimir, invadir e esmagar os seus vizinhos que não podiam resistir a sua truculência.

Gaza (Am 1.6-8) era uma das principais cidades da Filístia e caracterizada pelo abundante comércio escravagista. O pecado desta região era tornar o ser humano um instrumento de lucro. Não havia em Gaza o amor às pessoas, antes ao benefício que poderiam ter com a venda de seres humanos. Os sírios, especialmente da região de Damasco, trataram pessoas como coisas. Já os filisteus, sobretudo de Gaza, atribuíram maior valor às coisas que aos seus semelhantes.

Tiro (Am 1.9-10), cidade fenícia, era considerada na época de Amós uma das mais cosmopolitas. Além disso, assim como Samaria, esbanjava uma vida de soberba e luxo. Pecou, sobretudo, quando rompeu uma aliança considerada de irmandade. As atitudes iníquas desta sociedade foram consideradas desumanas.<sup>22</sup> O tráfico escravagista era um pecado cometido não apenas por Gaza como também por Tiro, porém esse tinha um agravante que era a quebra de uma promessa, isto é, de uma palavra empenhada.<sup>23</sup>

As pessoas edomitas eram descendentes do irmão de Jacó, Esaú. Apesar do Reino de Edom fazer parte do comércio de seres

<sup>22</sup> 2Sm 5.11; 1Rs 5.1-18; 1Rs 9.10-14 e 2Cr 2.1-16. Os fenícios de Tiro consideraram os israelitas como mera mercadoria. Esqueceram-se de uma longa história de fraternidade entre as regiões. Israel cumpria a sua aliança. Jamais declarou guerra contra tal povo. Ressalta-se que considerável parte do material utilizado na construção do templo dos hebreus realizada por Salomão é proveniente de Tiro. Esse, portanto, deixou uma antiga aliança e pecou oprimindo os israelitas. Ver mais sobre em notas explicativas de: BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo de Genebra. 2.ed. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 451, 1140.

<sup>23</sup> Tiro se esqueceu de uma aliança histórica com Israel. Na região onde estava localizado tanto Israel quanto os fenícios quando era realizada uma aliança entre reis, chamavam-na de aliança entre irmãos. Assim, os reis que firmavam tais alianças chamavam-se, de maneira cordial, de irmãos. Tal fato pode ser observado entre Hirão, rei de Tiro, e Salomão, rei de Israel (ainda como Reino Unido, ou seja, ainda não dividido). Em 1 Reis 9.13 pode ser constatado este costume.

humanos realizado tanto por Gaza quanto por Tiro, o pecado enfatizado e denunciado por Amós é o abandono do amor fraternal por seu irmão. O ódio de Esaú e seus descendentes acabou se perpetuando. Os edomitas, na maior parte da história destas nações, quando podiam dificultar a vida de Israel, assim o faziam.<sup>24</sup> Edom, de modo implacável, atacou à espada seu irmão (Am 1.11-12). Não praticou misericórdia, antes expressou sua indignação acumulada. Dessa forma, o pecado desta nação foi o ódio irracional ao seu irmão, entesourado na consciência dos edomitas, e que, consequentemente, gerou a irreconciliação com os israelitas.<sup>25</sup>

Amom (Am 1.13-15) era uma nação que se destacava pela sua idolatria. Adoravam, sobretudo, um ídolo denominado Moloque. Embora tal idolatria ser contrária a vontade de Deus, o pecado denunciado e sobressaltado no livro de Amós foi a sua crueldade com os fracos. De fato, com o objetivo de alargar o seu território e ampliar a sua influência política, os amonitas colocaram em prática o plano de adquirir o território de sua vizinha geográfica, Gileade. Para o sucesso deste empreendimento, foram capazes de sacrificar mulheres grávidas. O povo de Amom eram pessoas que viviam afastadas de Deus e não demonstraram nenhuma misericórdia e sensibilidade para com os desamparados, antes praticaram atos abomináveis contra os indefesos.

Moabe (Am 2.1-3) era uma região localizada a leste do mar Morto e fazia fronteira com o território edomita. Os moabitas, assim como os amonitas, nutriam uma contínua aversão à Israel.<sup>26</sup> Desentendimentos políticos e interesses individualistas eram notórios entre estes dois povos e, dessa forma, guerras estiveram presentes ao longo da história destes Estados. Em um dos conflitos ao longo da história, o rei de Moabe ordenou

<sup>24</sup> Esta ira e indignação podem ser observadas em algumas referências bíblicas, como: Nm 20.14,21; 2Rs 16.5; Sl 137.7 e Ob 10.14.

<sup>25</sup> Vale ressaltar que no livro de Deuteronômio havia uma ordem divina a Israel, a fim de que não ninguém aborrecesse ao seu irmão (Dt 23.7).

<sup>26</sup> Os moabitas eram um povo proveniente da relação incestuosa entre Ló e sua filha primogênita (Gn 19.37).

que o rei de Edom fosse queimado publicamente.<sup>27</sup> A vingança, de maneira venenosa, tomou a consciência do líder moabita e, consequentemente, praticou uma atitude selvagem. O profeta Amós, portanto, denuncia o ódio moabita concretizado com um ato de vingança.

Judá (Am 2.4-5), um esplendoroso centro religioso, foi denunciada pelo profeta Amós, sobretudo, pelo abandono da Lei. Essa era o elemento de ensino e prática que o judeu possuía para se distinguir dos demais povos. Deus instruía aos seus escolhidos por meio de uma relação docente e discente, ou seja, professor e aluno. A Lei proveniente de Deus não era para gerar um legalismo, antes para resultar em um relacionamento. O profeta de Tecoa indicou que os judeus rejeitaram e dispensaram os ensinamentos do Senhor. Em vez de guardarem os estatutos<sup>28</sup> de Deus em seus corações, deixaram-se levar pelos engodos de falsos mestres e, como resultado, tornaram-se idólatras. Assim, andaram de acordo com a mentira que os conduziu para longe do Salvador.<sup>29</sup> Judá pecou, especialmente, na rejeição da verdade divina que é imutável e soberana. O profeta mostrou que o julgamento de Deus chegará e o povo de Deus não está livre deste julgamento. Deus mandou a mensagem para todos os que estavam errados, pois Ele não protege ninguém apenas por este ser parte de um grupo religioso.

Motyer observa que as primeiras nações denunciadas pelo profeta de Tecoa, sejam a Síria, Filístia e Tiro, faziam parte somente do contexto político de Israel. Já, em proximidade, Edom,

<sup>27</sup> Conforme textos bíblicos: 2Rs 3.26-27; 2Rs 23.16 e Am 2.1. Destaca-se que a forma como ocorreu a morte tornava aquele que morreu como um maldito. Dessa forma, o rei moabita profanou, de maneira cruel e sem escrúpulos, o corpo do defunto em questão. Há mais informações em: BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo de Genebra. 2.ed. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 1140.

<sup>28</sup> Em Ex 15.26 o Altíssimo ordena que o seu povo guarde os seus estatutos. Esse é considerado como um símbolo da Lei de Deus e traz um sentido de uma verdade que não se modifica, ou seja, imutável. Além disso, vale destacar que os estatutos do Senhor são imperecíveis e válidos como ensinamento em todas as épocas.

<sup>29</sup> As nações gentílicas foram julgadas pelo justo Deus. Quanto ao juízo do Senhor em relação a estes Estados, há uma síntese em LOPES, 2007, p. 35-52.

Amom e Moabe, estavam dentro de um contexto mais familiar.<sup>30</sup> Dessa forma, Amós estava denunciando os pecados dos mais distantes para chegar nos mais próximos do Reino do Norte. Isso pode ser considerado uma estratégia de pregação, ou seja, o profeta chegou ao reino Norte e começou anunciando o pecado dos inimigos destes, inclusive do povo do reino de Judá/Sul. Após ter conseguido chamar a atenção então ele traz o anúncio do julgamento destes.

Quanto aos pecados das sete nações vizinhas do Reino do Norte, Balanci e Storniolo fazem uma relevante síntese:

Damasco, capital do rei de Aram, é acusada de ter arrasado de maneira violenta e cruel o território de Galaad (Am 1.3-5); os filisteus praticaram tráfico de escravos (Am 1.6-8); os fenícios de Tiro violaram o pacto que haviam estabelecido com outra nação irmã (Am 1.9-10); Edom não teve compaixão, nem ajudou a nação irmã, quando esta sofreu a invasão de uma grande potência (Am 1.11-12); Amom trucidou até mulheres grávidas para conquistar o território de Galaad (Am 1.13-15); Moab recusou sepultar o rei inimigo, o que era considerado o máximo da imoralidade, pois assim o defunto se tornava maldito (Am 2.1-3); Judá não obedeceu a lei de Javé e praticou a idolatria.<sup>31</sup>

Se Deus estava denunciando os pecados dos povos ao redor de Israel por ignorarem a consciência interior que todo indivíduo possui e praticarem tais atitudes repugnantes, ainda mais denunciaria os israelitas, escolhidos por Ele. Relativo às iniquidades praticadas pelo Reino do Norte, Lopes afirma que “o pecado do povo de Deus é mais grave, mais hipócrita e mais danoso que o pecado dos ímpios”.<sup>32</sup> Após apontar os erros dos povos vizinhos, o Altíssimo denuncia, de maneira abrangente, os pecados da nação que escolheu revelar-Se”.

<sup>30</sup> MOTYER, 2008, p. 36.

<sup>31</sup> BALANCI; STORNIOLI, 1991, p. 18.

<sup>32</sup> LOPES, 2007, p. 55-56.

Os israelitas apresentavam um claro desconhecimento de Deus, em vez de darem ouvidos a palavra direcionada as regiões vizinhas e examinarem o seu modo de viver, antes continuaram como estavam, ou seja, pensando estar perto do Salvador, de Deus, mas, de maneira verídica, permaneciam longe. Tinham uma falsa segurança no Dia do Senhor (Am 5.18) pois, de fato, não conheciam Aquele que poderia trazer a verdadeira segurança. Amós, diferentemente da maior parte do povo de Israel, conhecia a Torá e os seus ensinamentos envolvendo as questões morais. Por vezes o profeta, faz citações sobre tal preciosidade abandonada constantemente pelos escolhidos de Deus.<sup>33</sup>

A quantidade de vezes que o profeta cita a Torá evidencia o conhecimento que possuía da mesma. Isso pode ser observado em textos tais como: Gênesis 4.11; Êxodo 3.1; Êxodo 22.26; Deuteronômio 17.19; 23.17,18 e outros. Nesses textos o profeta, aponta as injustas relações comerciais,<sup>34</sup> a abominação de uma prostituição religiosa<sup>35</sup> e o aspecto do povo não guardar a Lei de Deus.<sup>36</sup>

Além deste profeta, também conhecido por profeta boia-deiro, conhecer bem o Cânon Hebraico, conhecia, de maneira exemplar, a história do povo escolhido pelo Salvador. O mensageiro de Deus cita situações que envolvem Isaque (Am 3.13) e José (Am 7.16), relembraria o período que o povo passou no deserto (Am 5.25) e a posterior conquista de Canaã (Am 2.9). Infelizmente, o povo israelita passava por uma notória falta de conhecimento tanto do seu Deus quanto de suas referências históricas.

No que se refere à falta de discernimento dos israelitas, Silva indica que “Israel não se sente concernido pelas ameaças e

<sup>33</sup> Havia entre os israelitas uma cultura de ensino tanto sobre a Torá quanto sobre a história do povo, porém neste momento histórico eles estavam deixando de realizar tal prática comum e relevante. (Educação na Bíblia: Três exemplos influenciadores da educação geral destacados no Antigo Testamento, de Sandra de Fátima Kruger Gusso e Antônio Renato Gusso publicado na revista Via Teológica, vol. 17, n.33, Jun/2016, p. 13-29).

<sup>34</sup> Tal ensino pode ser visto no livro de Levítico 19.35.

<sup>35</sup> A aversão a esta pecaminosidade pode ser observada no livro de Deuteronômio 23.17-18.

<sup>36</sup> Esta afronta pode ser notada, também, no livro de Deuteronômio 17.19.

julga que sua conduta não é susceptível de nenhuma repremenda... Afinal de contas, Israel não é o povo do Senhor? Não estaria, por isso, ao abrigo de qualquer condenação?”<sup>37</sup> De maneira contrária as expectativas do povo do Reino do Norte, o profeta Amós, vigorosamente, iniciou um grave apontamento dos pecados da nação.

Amós, o homem chamado por Deus a levar uma mensagem de Deus expõe que os locais geográficos religiosos do Reino do Norte eram frequentados constantemente, porém Deus não tinha prazer nas vidas de tais frequentadores (Am 4.4; 5.5; 5.21-23). Os altares construídos a ídolos estavam presentes na geografia do reino do Norte e na consciência de cada adorador. O principal sacerdote de Israel, Amazias, não estava imbuído em obedecer a Lei e os estatutos do Salvador, antes gastava energia, a fim de que o rei Jeroboão II e a sua casa real tivessem a sua reputação preservada (Am 7.10-13).

Amazias, o sacerdote de Betel, representava a espiritualidade superficial que os israelitas vivenciavam. Não aceitou a mensagem do profeta enviado por Deus, antes desejou silenciá-la. Arrepender-se era algo essencial para os israelitas, mas o seu mentor religioso queria que o “status quo”<sup>38</sup> espiritual vivido pela nação fosse continuado. O indivíduo que vive uma espiritualidade superficial não se arrepende dos seus pecados, antes permanece os praticando. Além disso, não conhece a mensagem de Deus, antes ouve e pratica o que os seus desejos indicam, tornando-se cada vez mais egocêntrico e afastado do Eterno. O deficiente conhecimento do Salvador leva a idolatria, que é um dos fundamentos do pecado.

A prosperidade do Reino do Norte era notória, assim como

<sup>37</sup> SILVA, Aldina. Amós: um profeta politicamente incorreto. Tradução de Magno Vilela. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 40.

<sup>38</sup> De acordo com o dicionário online de português, o status quo é a condição de alguém ou estado atual de alguma coisa; e o estado ou circunstância que se mantém igual ou do modo como estava antes de alterações. Ver mais sobre em [https://www.dicio.com.br/status\\_quo/](https://www.dicio.com.br/status_quo/) acesso em 26-11-2020.

a concentração tanto financeira quanto de poder. O profeta de Deus indicou que os ricos possuíam casas (Am 5.11; 6.8) e móveis luxuosos (Am 6.4), além de viverem em prazeres supérfluos (Am 4.1; 6.6). O comércio estava marcado pela desonestade dos seus agentes (Am 8.5) e a imoralidade (Am 2.7) habitava entre os israelitas. Tais pecados eram resultado de um abandono da verdade e uma falsa segurança nas suas práticas religiosas, que, de acordo com o livro de Amós, eram desaprovadas por Deus.

A mensagem de Amós é uma denúncia contra a sociedade israelita que deixou de adorar ao Senhor e dedicar as suas vidas em fazer a Sua vontade. A espiritualidade do povo, em síntese, era visualizada nos breves momentos de cumprimentos cílticos. Os israelitas estavam ligados aos templos, festas e assembleias, mas em seu cotidiano apresentavam-se envolvidos com adoração a outros deuses (Am 5.26), opressões aos pobres (Am 4.1), violência (Am 4.1), descaso para com os necessitados (Am 4.1), soberba (Am 6.8) e, sobretudo, com a injustiça (Am 5.7). Lopes tece a seguinte observação:

87

Israel corrompeu-se em extremo. Os sacerdotes adulteravam dentro do templo. As mulheres viviam de forma fútil, em festas e bebedeiras. Os juízes amordaçavam a voz da consciência e vendiam sentenças para arrebatar o direito dos justos. Os ricos viviam nababescamente, dormindo em camas de marfim, bebendo vinhos caros ao som de música, tramando em seus leitos planos para saquearem os pobres, enquanto estes lutavam desesperadamente para sobreviver.<sup>39</sup>

Deus desejava que o seu povo tivesse toda a vida dedicada a Ele. A forma como as pessoas se relacionavam deveria expressar o Deus justo e verdadeiro. Deus, segundo o profeta, indica que o ser humano deve o adorar em todo o tempo da sua vida e não apenas em alguns momentos ou lugares. A frequência tanto do povo quanto de seus líderes nos templos, nas festas e

<sup>39</sup> LOPES, 2007, p. 24.

assembleias solenes deveria estar associada ao cumprimento da justiça. A oferta levada ao templo alinhada à oferta de vida ao próximo. Por um lado, a espiritualidade superficial destaca-se pelo seu formalismo religioso e distância de uma transformação, por outro uma profunda espiritualidade é marcada pela entrega holística do ser humano a Deus, isto é, de todo o seu ser.

Deus chama aos seus filhos a vivenciarem uma espiritualidade profunda que é caracterizada por uma vida obediente e dedicada totalmente a Ele. Seja na adoração realizada no templo seja no cuidado do necessitado. Ora glorificando ao Senhor nas festas ora praticando a justiça com o seu irmão. O profeta expõe que Deus deseja que entre os seres humanos haja retidão (Am 5.24). Em hebraico, esse termo é *ts<sup>e</sup>dāqâh*<sup>40</sup> (צְדָקָה) que traz um sentido de igualdade e justiça nos relacionamentos sem levar em consideração as diferenças, sejam elas quais forem.

Amós, o boiadeiro chamado por Deus, enfatizou que Deus quer uma vida espiritual de profundidade e não de superficialidade. A mensagem do profeta chama as pessoas a deixarem a adoração a outros deuses e se converterem a Deus, de modo que abandonem a idolatria e conheçam, de maneira verídica, o seu Salvador e, assim, façam o que é reto de acordo com os Seus estatutos.

As palavras trazidas por Amós indicam que a vivência de uma espiritualidade superficial, isto é, praticada em partes e individualizada, leva o indivíduo a uma falsa segurança e a prática de pecados, como a idolatria. Esse pecado praticado, infelizmente, era comum na vida dos israelitas e os distanciavam de Deus. Apesar de alguns reis, como Asa (1Rs 15.9-14), Josafá (1Rs 22.41-43), Joás, (2Rs 12.1-3), Amazias (2Rs 14.1-4), Azarias (2Rs 15.1-4) e Jotão (2Rs 15.32-35) descritos nas Escrituras Sagradas como homens retos perante o Senhor, ainda assim, não retiraram os

<sup>40</sup> Transliterações conforme Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (HARRIS, R. Laird; et al. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1998).

altos<sup>41</sup> de adoração a deuses pagãos. Apenas Ezequias e Josias (2Rs 18.1-6; 2Rs 23.19 e 2Cr 34.33), de maneira exemplar, conseguiram retirar tais abominações praticadas por seu povo. É preciso considerar que embora alguns reis tenham feito o que era reto ou correto aos olhos de Deus como, por exemplo, Joás (2Rs 12.2), nem todos retiraram os altos de adoração a ídolos do meio do povo.<sup>42</sup>

Não apenas em Judá como também em Israel, praticava-se uma religião de sincretismo e, de maneira problemática, apresentavam um culto híbrido, de modo que buscavam adorar tanto ao Senhor quanto aos deuses pagãos. Para Perks, os israelitas acreditavam que adorar Deus, e ao mesmo tempo frequentar os altos e realizar sacrifícios para os deuses pagãos era a forma correta.<sup>43</sup> A falta de conhecimento de Deus, que os chamou na história como seus escolhidos levava as pessoas do Reino do Norte a um afastamento do seu Salvador.

As pessoas abriam as suas bocas e apresentavam cânticos para Deus, mas Esse não aceitava, pois tais louvores eram provenientes de pessoas idólatras inundadas de pecados e que não se arrependiam de tais práticas, antes concretizaram uma forma sincrética de adoração. Nesse sentido, Stott, acrescenta que

A Escritura muitas vezes destaca que a verdadeira adoração não é em si uma questão de formas, rituais e cerimônias. Precisamos atentar cuidadosamente para a crítica que a Bíblia faz à religião. Nenhum livro, nem mesmo de Marx e seus seguidores, denuncia mais a religião vazia que a Bíblia. Os profetas do século VIII e VII antes de Cristo eram claros em denunciar o formalismo e a hipocrisia da adoração israelita.<sup>44</sup>

<sup>41</sup> Os canaanitas ofereciam sacrifícios aos seus deuses em altares que eram plataformas geralmente elevadas. Tais ritos religiosos eram praticados em locais denominados altos. Esses ritos, infelizmente, foram associados à espiritualidade dos israelitas.

<sup>42</sup> Os reis citados são de Judá, mas vale o destaque, pois demonstra a dificuldade do povo hebreu de deixar tais práticas.

<sup>43</sup> PERKS, Stephen. C. A adoração a Baal: antiga e moderna. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2016, p. 17.

<sup>44</sup> STOTT, John. A Igreja autêntica. Viçosa: Ultimato; São Paulo: ABU, 2013, p. 40.

Segundo Deus, que chamou Amós, os israelitas deveriam praticar a justiça entre eles, de forma que o rei fosse justo com seus súditos e estes com o seu rei, os ricos com os pobres e estes com os mais abastados financeiramente, os comerciantes com seus trabalhadores e estes com os seus empregadores. Entretanto, o que ocorria em Israel no tempo de Amós era a prevalência da vontade dos mais poderosos. Sicre sintetiza que

A sorte dos cidadãos modestos era tremenda-mente dura e o Estado fazia pouco ou nada para aliviá-la. Ocorriam tremendas injustiças e um contraste brutal entre ricos e pobres. O pequeno agricultor encontra-se muitas vezes à mercé dos agiotas e de sérias calamidades (seca, pragas, falhas da colheita), que o expunham à penho-ra dos bens e a ter que viver como escravo. Este sistema, duro em si mesmo, piorava por causa da ambição dos ricos e comerciantes, que aproveitavam as fianças dadas aos pobres para au-mentar suas riquezas e domínios; falseavam os pesos e as medidas, recorriam a artifícios legais e subornavam os juízes. Como estes não se dis-tinguiam por seu amor à justiça, a situação dos pobres tornou-se cada vez mais dura.<sup>45</sup>

90

O povo israelita preocupava-se com o seu ego, suas con-quistas e seus bens materiais. Para Motyer, “a prosperidade, a exploração e o lucro eram os aspectos mais marcantes da sociedade que Amós contemplava e na qual trabalhava”.<sup>46</sup> O rei, juízes, comerciantes, líderes religiosos e pessoas financei-ramente mais abastadas colocavam as suas vidas em primeiro lugar. O Reino do Norte no século VIII a.C. era composto por pessoas idólatras que se tornaram individualistas e se afasta-ram do seu Deus. Hoje, há o perigo da sociedade também ser caracterizada pelo individualismo e distanciamento de Deus, pois apesar dos indivíduos frequentarem cultos, festas, assem-

<sup>45</sup> DÍAZ, José Luis Sicre. Introdução ao profetismo bíblico. Tradução de Gentil Avelino Titton. Rio de Janeiro: Vozes, 2016, p. 167.

<sup>46</sup> MOTYER, 2008, p. 1.

bleias e entregarem regularmente os dízimos, podem estar agindo como o povo do Reino Norte. Na contemporaneidade, observa-se que os cristãos de toda a humanidade apresentam atitudes semelhantes ao povo israelita da época do profeta Amós, no aspecto de colocar a vida e coisas pessoais, excessivamente em primeiro lugar, tanto em relação a adoração a Deus como no cuidado para com o próximo.

A verdadeira adoração a Deus resulta em uma atitude de amor ao próximo. O profeta Amós indica que a frequência aos cultos deve estar associada tanto a uma vida de devoção a Deus quanto de cuidado para com as pessoas que convivem com os filhos de Deus. Além disso, o culto, os momentos devocionais e os estudos das Escrituras Sagradas, deve ser direcionado para Sua adoração e conhecimento gradativo. A comunhão com o Pai celestial faz com que os seus discípulos o conheçam e passem a viver da maneira como Ele ensina.

A mensagem trazida pelo profeta Amós aponta que não apenas o israelita do século VIII a.C. como também os cristãos do século XXI devem estar com toda a sua vida consagrada a Deus. Uma vida dedicada, de maneira integral a Deus resulta em um indivíduo que deseja vivenciar uma espiritualidade profunda, de modo que possa crescer em graça e conhecimento e revelar à fiel mensagem do Criador a comunidade que participa.

A sociedade do Reino do Norte estava marcada por pecados, opressões e soberba, mas por meio de uma mensagem trazida pelo profeta Amós, Deus os chamou para o arrependimento. Convocou-os a deixar os seus pecados e viver uma vida segundo Aquele que os tirou do Egito. Assim como Deus chamou o Reino do Norte do século VIII a.C. a procurá-Lo e deixar as suas iniquidades, na contemporaneidade Deus convoca o mundo a deixar os seus pecados e render-se a Ele.

Sobre a contemporaneidade dos ensinos de Amós, Lopes acrescenta que,

A mensagem de Amós é atual, é oportuna, é necessária, é esperançosa. Arrepender-se e viver; ou tapar os ouvidos à voz de Deus e morrer. O caminho da obediência conduz à bem-aventurança, mas o caminho da transgressão, ainda que aparentemente seguro e aplaudido pelo luxo e pela riqueza conduzirá, inevitavelmente, ao fracasso. Israel embebedou-se com o sucesso, com a riqueza, com o luxo e fechou os ouvidos à voz dos profetas de Deus e marchou cegamente para o cativeiro.<sup>47</sup>

As palavras trazidas por Amós visaram alertar ao povo de Israel que as atitudes que estavam manifestando no seu cotidiano se apresentavam em desacordo com os princípios ensinados pelo Criador. Deus, o Salvador, em seus ensinamentos ao longo da história, indicou que a sociedade israelita deveria cuidar de todos aqueles que estavam em situação de necessidade, fosse o rico ou o pobre, rei ou o súdito.

A mensagem de Amós indica que ele era um homem conhecedor da Torá e da história de Israel. Além disso, era alguém que conhecia ao Deus que o chamou, portanto expôs tal conhecimento aos seus ouvintes. Em favor desses intercedeu o profeta. Para que os israelitas pudessem vivenciar uma espiritualidade profunda, expôs que deveriam buscar ao seu Salvador e viver, bem como praticar o bem e aborrecer o mal.

---

<sup>47</sup> LOPES, 2007, p. 13.

### 3. A VIVÊNCIA DE UMA ESPIRITUALIDADE PROFUNDA INDICADA PELA MENSAGEM DE AMÓS

O profeta indicou que Israel deveria buscar a Deus e viver, além de praticar o bem e aborrecer o mal. Tais atitudes são esperadas de todos a quem Deus escolheu. Para que a pessoa seja capaz de vivenciar uma espiritualidade profunda, deve-se colocar Deus em primeiro lugar nas escolhas, pensamentos, atitudes, vida cotidiana, enfim, Deus deve ser o Senhor de todo o âmago do indivíduo. Amós, no século VIII a.C., diagnosticou que os israelitas precisavam vivenciar uma espiritualidade profunda e, hoje, a sua mensagem ainda traz luz nesse ensino. Esses serão os destaques dos subpontos que seguem.

#### 3.1 BUSCA DEUS E MANIFESTA AÇÕES QUE O AGRADAM

O ser humano deve buscar a Deus em todo o tempo e conhecê-lo de forma gradativa e contínua. Não há sentido em uma vida longe do Senhor. No tempo de Amós e na atualidade, é notório que o indivíduo tende a caminhar em direção ao egocentrismo e viver uma espiritualidade superficial de acordo com desejos e ambições pessoais. Entre os israelitas havia uma predominante idolatria, a qual pode estar presente na contemporaneidade. Nesse sentido, Perks observa que

Parece-nos tão óbvio que a idolatria contraria o verdadeiro culto a Deus, embora a maioria do povo de Israel não pensasse assim na época. E, na verdade, devemos parar e pensar antes de apontarmos o dedo, e nos indagarmos se também não somos culpados de transigências tão graves como essas do povo israelita a nosso próprio modo e nos nossos dias. Com efeito, devemos nos perguntar se, dada a revelação mais profunda hoje, quando comparada a eles, nossas transigências não são, de fato, pecados mais gra-

ves. O fato é que reconhecemos os ídolos e pecados das eras passadas e de outras culturas com mais prontidão que os pecados da nossa época e cultura. Eis o caráter tão nocivo do sincretismo.<sup>48</sup>

Por não buscarem Deus, o povo de Israel não o conhecia e não o conhecendo viviam em torno de uma religião sincrética e uma espiritualidade superficial. Amós indica que o indivíduo deve viver em busca de um relacionamento constante com o seu Senhor e obedecer aos seus princípios ensinados.

A adoração a Deus deve ser realizada de acordo com o que o Eterno ensina e não da forma que o ser humano deseja realizar. Observa-se que há um ciclo, ou seja, quando a pessoa busca Deus Ele se revela e consequentemente é mais fácil viver de maneira que Ele aprova. Sendo assim, é possível lhe oferecer uma adoração aceitável. De acordo com Stott, a Escritura indica que a adoração do cristão deve ser bíblica, congregacional, espiritual e moral.<sup>49</sup>

Buscar Deus e viver é procurar a concretização da vontade de Deus no cotidiano de vida. Para conhecer os Seus desejos é necessário separar tempo de vida para ler as Escrituras Sagradas, meditar e ter uma vida de oração. Nesse sentido, Waltke afirma que “seus desejos devem ser consequência do seu tempo com Deus. Assim você poderá estar certo de seguir desejos piedosos e não meramente inclinações pessoais”.<sup>50</sup>

Buscar Deus é praticar a justiça e retidão provenientes dEle nas atitudes e escolhas diárias. É conhecer a Sua vontade e caminhar na direção dela, a fim de que possa realizar aquilo que é bom, perfeito e agradável a Ele. Israel não buscava Deus e, como resultado, não conhecia os seus próprios pecados. Ouviram Amós denunciar as iniquidades dos vizinhos e esqueceram de deixarem os seus erros. O indivíduo ou povo que vive uma espiritualidade

48 PERKS, 2016, p. 23.

49 STOTT, 2013, p. 34-44.

50 WALTKE, Bruce. **Buscar a vontade de Deus:** uma ideia cristã ou pagã? Tradução de Haroldo Janzen. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 96-97.

superficial não reconhece os seus erros, antes busca escondê-los. Diferente daquele que vivencia uma espiritualidade profunda, busca a seu Deus e pratica constantes reflexões sobre os seus erros, a fim de deixá-los e mudar a forma de agir.

Se analisado com sinceridade, a atitude dos israelitas é perceptível na contemporaneidade, pois é muito fácil o indivíduo contemporâneo ouvir a denúncia dos pecados do próximo e até surpreende-se com a gravidade, mas possuir aversão às pessoas que indicam os seus erros. Sayão, acrescenta que “... a grande verdade é que quando diabolizamos o outro sem qualquer convicção de nossos erros e limitações, nós o fazemos, apenas, para esconder o nosso próprio pecado”.<sup>51</sup>

De acordo com a mensagem de Amós, Deus indica que a busca por Ele não apenas deve ser composta pelas reuniões realizadas conjuntamente com os santos, a fim de louvar e glorificar ao seu nome, como também realizada em cada atitude e escolha do seu cotidiano.<sup>52</sup> Uma vida que busca Deus reflete-se nas suas atitudes e escolhas diárias. O indivíduo contemporâneo se encontra mais atarefado, secularizado e sem tempo, mas o cristão deve colocar Deus em primeiro lugar e buscá-Lo, a fim de conhecê-Lo e ter uma vida segundo a Sua vontade.<sup>53</sup>

### **3.2 PRATICA O BEM E AFASTA-SE DO MAL**

O indivíduo que experimenta uma espiritualidade profunda tem a sua vida marcada pela constante prática do bem. Por

<sup>51</sup> SAYÃO, Luiz. A. Agora sim! Teologia na prática do começo ao fim. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 109.

<sup>52</sup> Vale ressaltar, que Deus indica os cultos e reuniões entre os santos, mas reprova quando tais realizações são transformadas em meros formalismos religiosos divorciadas de uma vida de verdadeira adoração ao Salvador.

<sup>53</sup> O Salvador deseja que os seus aprendizes tenham um relacionamento diário e discipulador com Ele. Tal relação resulta em uma transformação contínua dos filhos de Deus. Jesus, o Deus encarnado, relacionou-se profundamente com os seus discípulos e os ensinou a buscar, de maneira constante, o Eterno. No que se refere à proximidade relacional entre o Pai celestial e seus filhos, há boa síntese em ZULUAGA, Diego A. Buriticá. Uma lectura del Evangelio de Juan em clave de discipulado. Kenosis. Rionegro-Colombia. v.2, n.3, Julio-diciembre;2014, p. 88-102.

vezes Deus ensina que o ser humano deve estar realizando o bem para o próximo. Tal atitude faz parte de uma vida que verdadeiramente O adora. Para Lopes, “ninguém pode pressupor que Deus está com ele, se não pratica o bem. Deus é o sumo bem. Deus é bom. Não há Nele treva alguma. Quem anda com Deus precisa refletir o seu caráter”.<sup>54</sup>

O cristão faz o bem porque o seu Senhor assim ensina.<sup>55</sup> O aprendiz de Deus obedece as Escrituras Sagradas, pois quer agradar ao seu Senhor. As palavras do profeta Amós são tanto um chamado a concretização do bem quanto uma denúncia do mal. Elas são, sobretudo, um diagnóstico de uma sociedade sem Deus. Assim como os israelitas estavam sem Deus, hoje, as pessoas que possuem uma espiritualidade superficial estão distantes do seu Criador. Nouwen e Roderick observam que na atualidade existem muitas pessoas que não buscam algo mais profundo. Estão com mais interesses em uma profundidade cultural e uma certa espiritualidade sem Deus.<sup>56</sup>

Os moradores do Reino do Norte no século VIII a.C. podiam até observar as constantes práticas de injustiças, mas não as denunciavam. Demonstravam-se indiferentes. Depositavam em seus líderes, que representavam o Estado, a realização de algo diferente. No entanto, os representantes desejavam manter o *status quo* da vida cotidiana daquele povo.<sup>57</sup> Na contemporaneidade, também, está presente tanto a injustiça quanto a indiferença e a esperança de mudança, assim como foi no

<sup>54</sup> LOPES, 2007, p. 130.

<sup>55</sup> Tal virtude deve ser praticada por obediência a Deus e não por emocionalismos inconstantes principalmente quando provenientes de um humanismo secular. Sobre isso, Percks indica que o atual humanismo secular exerce um significativo impacto na fé cristã, sobretudo, no que diz respeito à área educacional (PERKS, 2016, p. 31-50).

<sup>56</sup> NOUWEN, Henry J. M.; RODERICK, Philip. **Conversa espiritual**: a beleza e a profundidade da espiritualidade cristã explicadas de maneira simples. Tradução de Jorge Camargo Filho. Brasília: Palavra, 2009, p. 65.

<sup>57</sup> É relevante que o ser humano caminhe na direção tanto de conhecer a Deus quanto de se conhecer. Além disso, é essencial meditar nas Escrituras Sagradas e refletir se não há nenhum ídolo em sua vida. Dessa forma, o cristão precisa, de maneira contínua, destruir todos os ídolos que possam estar presentes na sua vida, como o estatal, o ideológico, o moral, enfim, qualquer ídolo que o afaste de um relacionamento integral com Deus. O Salvador ensina que os seus discípulos devem adorar somente a Ele.

século VIII a.C. em Israel, encontra-se no Estado. Perks destaca que

Em vez de fazer justiça, o Estado moderno entende que seu papel é fornecer educação, assistência médica e sistema de bem-estar neutros em sentido religioso. Todavia, a neutralidade religiosa é impossível. Na verdade, temos educação, assistência médica e sistema de bem-estar humanistas seculares; e, cada vez mais, os valores religiosos do Estado humanista se mostram antitéticos aos valores da fé cristã. Em vez de liberdade para vivermos nossas vidas de acordo com a vontade de Deus, a seu serviço, praticando as virtudes cristãs, temos agora o Estado humanista exercendo controle sobre todas as coisas e governando nossa vida de acordo com a sua ideologia religiosa. Entretanto, o Estado é incapaz de exercer a justiça compreendida pela cosmovisão cristã.<sup>58</sup>

Deus, o Salvador, convocou o profeta de Tecoa a fazer uma série de graves denúncias contra o povo israelita. Para Ele não bastaria aos seus escolhidos praticarem atitudes filantrópicas, antes indicava, eles deveriam deixar as suas práticas pecaminosas, como o exercício de balanças enganosas nas relações comerciais e, sobretudo, a idolatria. Os israelitas do século VIII a.C., de acordo com a mensagem de Amós, deveriam tanto buscar a Deus e viver quanto fazer o bem e afastar-se do mal. Tais atitudes são virtudes indicadas para a prática cotidiana não apenas do povo de Israel como também para o discípulo do Senhor que vive na atualidade.

97

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amós, inicialmente, apresenta uma mensagem de reprovação para os vizinhos de Israel. No entanto, surpreendentemente para os israelitas, as palavras de denuncia chegam até eles. O povo

58 PERKS, 2016, p. 50.

israelita, segundo o recado do Senhor enviado a partir do profeta Amós, pisoteava os pobres, prejudicavam os justos, desamparavam os necessitados, realizavam imoralidades sexuais, corrompiam as relações comerciais e, sobretudo, praticavam a idolatria. Tudo isso era consequência do desconhecimento do Senhor.

A idolatria gerou, a exemplo do Reino do Norte da época de Amós, quanto na sociedade contemporânea uma espiritualidade superficial, de forma que o indivíduo imagina que está adorando a Deus, mas Esse não tem prazer na sua vida de adoração. No século VIII a.C, os israelitas buscavam conciliar a adoração a outros deuses, de maneira conjunta, com a adoração ao Senhor. Hoje, o indivíduo caminha em direção a uma associação entre os pressupostos cristãos e os direcionamentos do humanismo secular.<sup>59</sup>

Os israelitas apresentavam um formalismo religioso e uma espiritualidade superficial, fruto do sincretismo instalado em suas vidas. O povo do Reino do Norte estava distante do seu Criador, pois o desconhecia. O profeta indicou que eles deveriam buscar a Deus e viver em conformidade com os ensinamentos aprendidos nessa relação. Além disso, deveriam no seu cotidiano praticar o bem e afastar-se do mal. Tais atitudes levaram os israelitas a deixarem os seus pecados e converterem-se ao Senhor. Infelizmente, na época de Amós, haviam conversões rasas, ou seja, que não geravam transformações.

Assim como havia conversões superficiais ao Senhor no tempo do profeta Amós, o mesmo pode ocorrer na contemporaneidade. O indivíduo secularizado não aceita toda a palavra de Deus, mas apenas as partes, o que não o leva a uma significativa mudança de vida. Para Sayão, “a tendência atual é aceitar o Evangelho de modo superficial, como mais uma ajuda espiritual. Nunca houve tantas “conversões” evangélicas; mas nunca foram tão superficiais”.<sup>60</sup>

59 É válido ressaltar, que o humanismo secular leva a associação da Igreja contemporânea a três elementos idólatras: o cientificismo, a pedagogia humanista e o estadismo. Mais informações podem ser verificadas em PERKS, 2016, p. 8.

60 SAYÃO, 2012, p. 137.

O discípulo do Senhor deve, constantemente, refletir sobre à presença de prováveis ídolos na sua vida, a fim de não viver uma espiritualidade superficial, como aconteceu com o povo no Reino do Norte. Somado a isso, o cristão hodierno deve, assim como ensinado aos israelitas, buscar a Deus e viver de acordo com o resultado de tal relacionamento, de modo que sempre pratique o bem e denuncie o mal.

Infere-se, então, que a mensagem de Amós é eloquente não apenas para os israelitas do século VIII a.C. como também para os cristãos das comunidades contemporâneas. O profeta apresentou uma ressonância magnética da atualidade quando denunciou os pecados do Reino do Norte. De fato, no conteúdo das palavras proferidas ao povo de Israel apresentou e denunciou as atitudes reprováveis não apenas dos hebreus escolhidos pelo Senhor como também do indivíduo hodierno.

A mensagem de Amós é tanto atual quanto oportuna para a sociedade, visto que essa pratica semelhantes pecados em relação ao auditório ouvinte do profeta, no século VIII a.C. A denúncia do profeta alertou sobre problemas e pecados sociais, políticos e, sobretudo, espirituais, sendo o último o cerne das demais iniquidades. Dessa forma, a maior urgência do indivíduo contemporâneo é buscar Deus, fonte de águas vivas, a fim de que, possa viver uma espiritualidade profunda e praticar os Seus ensinos.

## REFERÊNCIAS

BALANCI, Euclides M.; STORNIOLI, Ivo. **Como ler o livro de Amós:** a denúncia da justiça social. São Paulo: Paulus, 1991.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo de Genebra.** 2.ed. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

DÍAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico.** Tradução de Gentil Avelino Titton. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

**Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1788 p.

GUSSO, Antônio Renato. **Os profetas menores:** introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017.

GUSSO, S. F. K.; GUSSO, A. R. Educação na Bíblia: Três exemplos influenciadores da educação geral destacados no Antigo Testamento. **Via Teológica**, vol. 17, n.33, Jun/2016, p. 13-29.

LOPES, Hernandes Dias. **Amós:** um clamor pela justiça social. São Paulo: Hagnos, 2007.

MOTYER, J. A. **A mensagem de Amós:** o dia do leão. Tradução de Yolanda Mirdsa Krievin. 2.ed. São Paulo: ABU, 2008.

NOUWEN, Henry J. M.; RODERICK, Philip. **Conversa espiritual:** a beleza e a profundidade da espiritualidade cristã explicadas de maneira simples. Tradução de Jorge Camargo Filho. Brasília: Palavra, 2009.

PERKS, Stephen C. **A adoração a Baal:** antiga e moderna. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2016.

SAYÃO, Luiz. A. **Agora sim! Teologia na prática do começo ao fim.** São Paulo: Hagnos, 2012.

SILVA, Aldina. **Amós:** um profeta politicamente incorreto. Tradução de Magno Vilela. São Paulo: Paulinas, 2001.

STOTT, John. **A igreja autêntica.** Viçosa: Ultimato; São Paulo: ABU, 2013.

WALTKE, Bruce. **Buscar a vontade de Deus:** uma ideia cristã ou pagã? Tradução de Haroldo Janzen. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WRIGHT, Christopher J. H. **Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento.** Tradução de Cecília Eller. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

ZULUAGA, Diego A. Buriticá. Una lectura del Evangelio de Juan em clave de discipulado. **Kenosis.** Rionegro-Colombia, v.2, n.3, julio-diciembre/ 2014, p. 88-102.